

DESAFIOS DA ENFERMAGEM NA TRANSIÇÃO DO CUIDADO PALLIATIVO EM CRIANÇAS COM ESTOMIA INTESTINAL DE ELIMINAÇÃO

NURSING CHALLENGES IN THE TRANSITION OF PALLIATIVE CARE FOR CHILDREN WITH INTESTINAL ELIMINATION OSTOMY

DESAFÍOS DE LA ENFERMERÍA EN LA TRANSICIÓN DEL CUIDADO PALLIATIVO EN NIÑOS CON OSTOMÍA INTESTINAL DE ELIMINACIÓN

Keila do Carmo Neves¹

Wanderson Alves Ribeiro²

Nadjane Arcanjo Neves de Lima³

Julio Gabriel Mendonça de Sousa⁴

Denilson da Silva Evangelista⁵

RESUMO: Introdução: A transição do cuidado paliativo em crianças com estomia intestinal de eliminação constitui um processo complexo, que envolve mudanças no plano assistencial, na dinâmica familiar e na atuação da equipe de enfermagem. Nesse contexto, o enfermeiro assume papel central no manejo da estomia, na comunicação com a criança e seus familiares e no suporte psicossocial, enfrentando desafios que impactam a continuidade e a qualidade do cuidado. Objetivo: Discutir os desafios da enfermagem na transição do cuidado paliativo em crianças com estomia intestinal de eliminação. Metodologia: Trata-se de uma revisão bibliográfica, de caráter descritivo, com abordagem qualitativa, realizada a partir da análise de produções científicas relacionadas aos cuidados paliativos pediátricos, estomias intestinais e atuação da enfermagem. Análise e discussão dos resultados: Os achados permitiram a construção de categorias temáticas que evidenciam dificuldades comunicacionais no processo de transição do cuidado, demandas assistenciais relacionadas ao manejo da estomia intestinal, impactos psicossociais vivenciados pelas crianças e seus familiares e a necessidade de estratégias de apoio ao profissional de enfermagem diante da sobrecarga emocional e técnica. Conclusão: Os desafios enfrentados pela enfermagem na transição do cuidado paliativo em crianças com estomia intestinal exigem uma abordagem integral e humanizada, que contemple a comunicação efetiva, o suporte às famílias, a qualificação para o cuidado especializado e o fortalecimento de estratégias institucionais de apoio ao enfermeiro, visando à continuidade, à segurança e à qualidade do cuidado paliativo pediátrico.

478

Palavras-chave: Cuidado paliativo. Enfermagem. Estomia intestinal. Criança.

¹Enfermeira. Mestre e Doutora em Enfermagem pela UFRJ/EEAN. Pós-Graduada em Nefrologia e UTI Neonatal e Pediátrica; Docente do Curso de Graduação e Pós-Graduação em Enfermagem da UNIG. Docente do Curso de Graduação da UNIABEU. Coordenadora de Atenção Básica do Município de Queimados-RJ. Membro dos grupos de Pesquisa NUCLEART e CEHCAC da EEAN/UFRJ.

²Enfermeiro. Mestre e Doutor pelo Programa Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde pela Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense UFF Niterói, RJ. Pós-Graduado em Enfermagem em Estomatologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro; Docente do curso de Graduação e Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Iguaçu. Nova Iguaçu, RJ.

³Enfermeira, pela Universidade Federal de Pernambuco, conclusão em janeiro de 2000. Especialização em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem, realizada pela Fiocruz e Escola Nacional de Saúde Pública (2003). Especialização em Gestão (Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde) Realizada pelo Fiocruz/NESC (2008). Especialização em Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde AD pela UFRN.

⁴Enfermeiro - EEAN/UFRJ; Mestrando em Ciências do Cuidado em Saúde pelo PACCS/EEAAC/UFF; Pós-graduado em Enfermagem em UTI; Enfermagem na Atenção Primária com Ênfase na Estratégia Saúde da Família; Auditoria em Serviços de Saúde; Enfermagem em estomatologia.

⁵Enfermeiro Pós-graduado em Enfermagem em Saúde Mental; Enfermagem em Gestão da Qualidade e Segurança do Paciente; Enfermagem na Saúde Pública com Ênfase em Vigilância em Saúde pela Faculdade Holística (FAHOL); Enfermagem Intensiva de Alta Complexidade; Enfermagem em Atenção Primária à Saúde pelo INSTITUTO FACUMINAS; Enfermagem do Trabalho pelo Conselho Federal de Enfermagem (COFEN/DNA); Coordenador do Programa Saúde na Escola na Secretaria Municipal de Saúde de Queimados/RJ.

ABSTRACT: Introduction: The transition of palliative care for children with an intestinal elimination ostomy is a complex process that involves changes in the care plan, family dynamics, and nursing practice. In this context, nurses play a central role in ostomy management, communication with children and their families, and psychosocial support, facing challenges that directly impact the continuity and quality of care. Objective: To discuss the challenges of nursing in the transition of palliative care for children with an intestinal elimination ostomy. Methodology: This is a descriptive bibliographic review with a qualitative approach, based on the analysis of scientific publications related to pediatric palliative care, intestinal ostomies, and nursing practice. Analysis and discussion of results: The findings allowed the construction of thematic categories highlighting communication difficulties during the care transition process, care demands related to ostomy management, psychosocial impacts experienced by children and their families, and the need for support strategies for nursing professionals in the face of emotional and technical overload. Conclusion: The challenges faced by nursing in the transition of palliative care for children with an intestinal ostomy require a comprehensive and humanized approach, including effective communication, family support, professional qualification for specialized care, and the strengthening of institutional strategies to support nurses, ensuring continuity, safety, and quality of pediatric palliative care.

Keywords: Palliative care. Nursing. Intestinal ostomy. Child.

RESUMEN: Introducción: La transición del cuidado paliativo en niños con ostomía intestinal de eliminación constituye un proceso complejo que implica cambios en el plan de atención, en la dinámica familiar y en la actuación del personal de enfermería. En este contexto, el enfermero desempeña un papel central en el manejo de la ostomía, en la comunicación con el niño y su familia y en el apoyo psicosocial, enfrentando desafíos que influyen directamente en la continuidad y la calidad del cuidado. Objetivo: Discutir los desafíos de la enfermería en la transición del cuidado paliativo en niños con ostomía intestinal de eliminación. Metodología: Se trata de una revisión bibliográfica de carácter descriptivo, con enfoque cualitativo, basada en el análisis de producciones científicas relacionadas con los cuidados paliativos pediátricos, las ostomías intestinales y la práctica de enfermería. Análisis y discusión de los resultados: Los hallazgos permitieron la construcción de categorías temáticas que evidencian dificultades comunicacionales en el proceso de transición del cuidado, demandas asistenciales relacionadas con el manejo de la ostomía intestinal, impactos psicosociales vivenciados por los niños y sus familias, y la necesidad de estrategias de apoyo al profesional de enfermería frente a la sobrecarga emocional y técnica. Conclusión: Los desafíos enfrentados por la enfermería en la transición del cuidado paliativo en niños con ostomía intestinal exigen un enfoque integral y humanizado, que contemple la comunicación efectiva, el apoyo a las familias, la capacitación para el cuidado especializado y el fortalecimiento de estrategias institucionales de apoyo al enfermero, con el fin de garantizar la continuidad, la seguridad y la calidad del cuidado paliativo pediátrico.

479

Palabras clave: Cuidado paliativo. Enfermería. Ostomía intestinal. Niño.

INTRODUÇÃO

O câncer constitui um relevante problema de saúde pública no Brasil e no mundo, em razão de sua elevada prevalência, diversidade de apresentações clínicas, complexidade

terapêutica e impactos epidemiológicos, sociais e econômicos expressivos. A doença caracteriza-se pelo crescimento celular desordenado, com potencial de invasão tecidual e comprometimento sistêmico, sendo que parcela considerável dos casos poderia ser evitada por meio de estratégias preventivas e de promoção da saúde. Associam-se a esse cenário fatores genéticos e comportamentais, que ampliam a vulnerabilidade ao adoecimento e demandam respostas organizadas dos sistemas de saúde (Brandão *et al.*, 2017; INCA, 2024).

No contexto pediátrico, o câncer apresenta especificidades que ampliam sua complexidade, pois acomete crianças em distintas fases do desenvolvimento físico, emocional e social. A experiência do adoecimento infantil ultrapassa o indivíduo, alcançando a família e a rede de apoio, que passam a vivenciar mudanças abruptas na rotina e no cuidado. Além disso, a sobrevida crescente de crianças com câncer impõe a necessidade de atenção contínua às repercussões físicas e psicossociais ao longo do curso da doença (Neris; Nascimento, 2021; Godoy Moreira *et al.*, 2024).

A atenção oncológica não se limita às ações de prevenção, diagnóstico e tratamento, incluindo também a oferta de cuidados paliativos ao longo da trajetória da doença. Esses cuidados são indicados para pessoas com condições ameaçadoras da vida, devendo ser iniciados precocemente e mantidos de forma integrada às demais terapêuticas. Em crianças, os cuidados paliativos buscam minimizar o sofrimento, promover conforto e apoiar a família diante das incertezas e limitações impostas pelo adoecimento (Manso *et al.*, 2017; WHO, 2024). 480

Os cuidados paliativos têm origem histórica no movimento Hospice, que introduziu uma filosofia assistencial centrada na dignidade, no alívio do sofrimento e na integralidade do cuidado. Essa abordagem influenciou diretamente a prática da enfermagem, ao ampliar o olhar para além da doença e incorporar dimensões emocionais, sociais e espirituais no cuidado. Ao longo do tempo, tais princípios foram incorporados às políticas de saúde e às práticas assistenciais contemporâneas (Santo *et al.*, 2020; Costa; Silva, 2021).

No cenário pediátrico oncológico, crianças podem evoluir com complicações que exigem intervenções cirúrgicas, como a confecção de estomias intestinais de eliminação. A presença da estomia repercute de forma significativa na vivência da criança e de seus familiares, interferindo no conforto, na imagem corporal, no cuidado diário e na adaptação ao tratamento. Essa condição exige acompanhamento contínuo e orientações específicas por parte da equipe de enfermagem (Carvalho *et al.*, 2023; Guedes *et al.*, 2025).

A transição do cuidado paliativo, especialmente do ambiente hospitalar para o domicílio ou entre diferentes pontos da rede assistencial, configura-se como um momento sensível do processo de cuidado. Esse período demanda planejamento, organização e comunicação clara entre os profissionais, a criança e seus cuidadores. Estudos evidenciam que falhas nesse processo podem comprometer a continuidade do cuidado e aumentar a insegurança das famílias (Kuntz *et al.*, 2021; Rodrigues *et al.*, 2021).

Nesse contexto, a enfermagem atua de forma direta no cuidado à criança com estomia intestinal, realizando o manejo do dispositivo, orientando familiares e articulando ações entre os serviços de saúde. A atuação do enfermeiro envolve não apenas habilidades técnicas, mas também escuta qualificada e suporte emocional, especialmente em situações de cuidado paliativo pediátrico, nas quais o sofrimento é compartilhado entre paciente e família (Silva; Assis; Pinto, 2021; Bezerra *et al.*, 2024).

As repercuções psicológicas do câncer infantil e da presença de estomia intestinal também devem ser consideradas no cuidado paliativo. Crianças e cuidadores podem vivenciar sentimentos de medo, ansiedade e sobrecarga emocional, intensificados durante a transição do cuidado. Evidências apontam que mães e familiares enfrentam dificuldades no manejo da estomia no domicílio, o que reforça a necessidade de acompanhamento contínuo da equipe de enfermagem (Godoy Moreira *et al.*, 2024; Guedes *et al.*, 2025). 481

Outro aspecto que permeia esse cenário refere-se às vulnerabilidades individuais, sociais e programáticas associadas às estomias de eliminação. A limitação de acesso a insumos, a fragilidade da rede de apoio e as desigualdades regionais podem dificultar o cuidado contínuo, sobretudo em contextos de cuidado paliativo pediátrico. Essas vulnerabilidades demandam estratégias de cuidado que considerem a realidade social das famílias (Anjos *et al.*, 2025; Bezerra *et al.*, 2024).

Além das demandas relacionadas ao paciente e à família, a enfermagem também enfrenta desafios associados ao desgaste emocional decorrente do cuidado paliativo pediátrico. A exposição frequente ao sofrimento, à progressão da doença e à finitude pode impactar a saúde mental dos profissionais. Assim, torna-se necessário reconhecer a importância de estratégias institucionais de apoio e de práticas de cuidado voltadas aos próprios trabalhadores da saúde (Dias *et al.*, 2022; Nogueira *et al.*, 2021).

A escolha dessa temática justifica-se pela relevância social e profissional do cuidado paliativo pediátrico associado às estomias intestinais de eliminação, especialmente no contexto

da transição do cuidado. Trata-se de um eixo temático que impacta diretamente a qualidade de vida das crianças, o cotidiano das famílias e a prática da enfermagem, ao exigir preparo técnico, sensibilidade ética e articulação entre os serviços de saúde. A discussão dessa temática contribui para o aprimoramento da assistência e para o fortalecimento da enfermagem enquanto profissão comprometida com o cuidado integral (Anjos *et al.*, 2021; Brandão *et al.*, 2017).

Diante do exposto, o artigo tem como objetivo geral discutir os desafios da enfermagem na transição do cuidado paliativo em crianças com estomia intestinal de eliminação. Para dar conta da lacuna de conhecimento, o estudo tem como objetivos específicos analisar as dificuldades comunicacionais no processo de transição, identificar demandas assistenciais relacionadas ao manejo da estomia, descrever impactos psicossociais vivenciados por crianças e familiares e examinar estratégias de apoio ao profissional de enfermagem nesse contexto.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo, com abordagem qualitativa, fundamentada na análise de produções científicas relacionadas aos desafios da enfermagem na transição do cuidado paliativo em crianças com estomia intestinal de eliminação. A revisão bibliográfica possibilita a sistematização do conhecimento já produzido, permitindo a compreensão ampliada do fenômeno investigado a partir de diferentes perspectivas teóricas e empíricas.

A pesquisa científica configura-se como um procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico, que viabiliza a descoberta de novos fatos, relações ou interpretações em distintos campos do conhecimento. Trata-se de um processo formal, sustentado por métodos científicos, que contribui para a construção do saber e para a aproximação da realidade investigada, reconhecendo a existência de verdades parciais e contextualizadas (Lakatos; Marconi, 2017).

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com base em materiais previamente publicados, como artigos científicos, livros e documentos institucionais, com o objetivo de analisar diferentes abordagens e posicionamentos teóricos sobre o objeto de estudo. Esse tipo de pesquisa permite identificar lacunas no conhecimento, tendências investigativas e contribuições relevantes para a prática profissional e para o avanço científico (Gil, 2010; Severino, 2016).

A abordagem qualitativa foi adotada por possibilitar a compreensão dos significados, percepções, valores, crenças e experiências presentes nas produções analisadas. Segundo Minayo (2007), a pesquisa qualitativa dedica-se ao estudo de fenômenos complexos que não podem ser reduzidos à mensuração de variáveis, favorecendo a análise aprofundada das relações e dos processos sociais. Apesar das críticas relacionadas à subjetividade, essa abordagem mostra-se pertinente para estudos que buscam interpretar contextos assistenciais e práticas profissionais, como o cuidado paliativo pediátrico.

Corroborando essa concepção, a abordagem qualitativa trabalha com o universo simbólico dos sujeitos e dos contextos investigados, permitindo apreender dimensões subjetivas e sociais que permeiam o cuidado em saúde. Dessa forma, mostra-se adequada para a análise dos desafios vivenciados pela enfermagem na transição do cuidado paliativo em crianças com estomia intestinal, uma vez que envolve aspectos técnicos, emocionais, familiares e institucionais (Minayo, 2010; Flick, 2018).

A coleta dos estudos foi realizada por meio de busca eletrônica no Google Acadêmico, por se tratar de uma biblioteca digital amplamente utilizada por pesquisadores e profissionais da saúde, que reúne produções científicas nacionais e internacionais. O uso dessa base possibilita amplo acesso a artigos revisados por pares, dissertações, teses e documentos relevantes, oferecendo uma visão abrangente da produção científica relacionada ao tema (Gil, 2010; Bardin, 2016).

483

Utilizaram-se como descritores os termos: Cuidado paliativo; Enfermagem; Estomia intestinal; Criança combinados de forma a ampliar a recuperação de estudos pertinentes ao objeto investigado. A escolha desses descritores visou contemplar produções que abordassem tanto o cuidado paliativo pediátrico quanto a atuação da enfermagem e os processos de transição do cuidado.

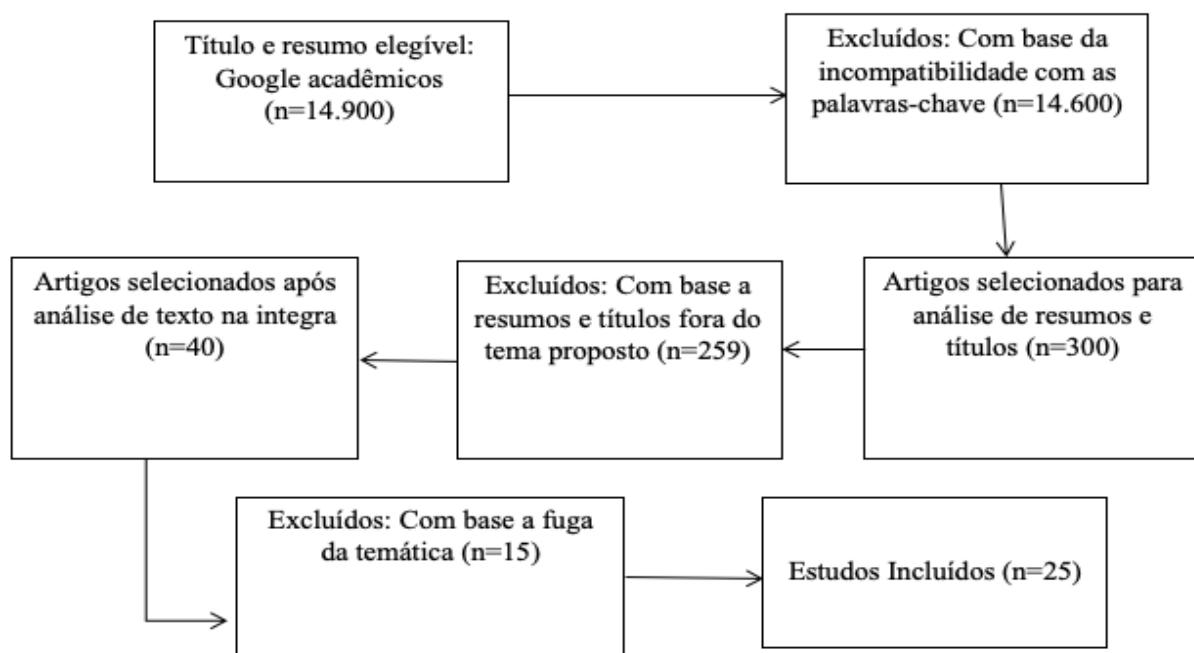
O recorte temporal adotado compreendeu o período de 2017 a 2025, justificado pela intensificação das discussões sobre cuidados paliativos, transição do cuidado e estomias de eliminação nos últimos anos, especialmente no contexto pediátrico. Esse intervalo temporal permite abranger publicações anteriores à consolidação das diretrizes mais recentes, bem como estudos atuais que refletem avanços conceituais, assistenciais e políticos na área, assegurando uma análise atualizada e consistente da temática (INCA, 2024; WHO, 2024).

Foram estabelecidos como critérios de inclusão artigos completos disponíveis na íntegra, publicados em língua portuguesa, no período de 2017 a 2025, que abordassem cuidados

paliativos, enfermagem, pediatria, estomia intestinal de eliminação ou transição do cuidado. Como critérios de exclusão, adotaram-se estudos duplicados e trabalhos que não apresentassem relação direta com o objeto de estudo ou estivessem fora do recorte temporal definido.

A análise dos estudos selecionados ocorreu de forma descritiva e interpretativa, permitindo a organização das informações em eixos temáticos relacionados aos desafios da enfermagem na transição do cuidado paliativo pediátrico. Esse processo favoreceu a síntese do conhecimento existente e a identificação de lacunas que podem subsidiar futuras investigações e aprimorar a prática profissional (Bardin, 2016; Minayo, 2017).

Fluxograma 1 – Seleção de estudos para revisão da literatura.



484

Fonte: Produção dos autores, 2025.

Nota-se no Fluxograma 1 que nas bases de dados do Google acadêmico e encontrou-se 14.900 resumos utilizando as palavras-chave escolhidas. Dentre os selecionados, 14.600 artigos foram excluídos com base na incompatibilidade com os descritores, deixando-se 300 artigos para leitura de resumos e títulos. Excluindo- se 259 artigos com títulos ou resumos incompatíveis ao tema proposto, restando se 40 artigos que após leitura na integra. Exclui-se mais 15 artigos por fuga da temática. Restando assim o número de 125 artigos para realizar revisão literária.

A partir dessa leitura preliminar, foram selecionados 25 artigos que mantinham coerência com os descritores acima apresentados e com objetivo do estudo. A partir dessa análise, foi extraída a bibliografia potencial, explicitada no quadro 1 a seguir.

RESULTADOS

O **Quadro 1** apresenta a síntese das produções científicas selecionadas para este estudo, publicadas no período de 2017 a 2025, que abordam os cuidados paliativos no contexto da enfermagem pediátrica, com ênfase em crianças com estomia intestinal de eliminação e no processo de transição do cuidado. As publicações analisadas permitiram identificar diferentes abordagens teóricas e práticas relacionadas à atuação do enfermeiro, às demandas assistenciais, às dificuldades comunicacionais e aos impactos psicossociais envolvidos nesse cenário, constituindo a base para a construção das categorias temáticas discutidas ao longo do estudo.

Quadro 1 – Produções científicas sobre cuidados paliativos, enfermagem, pediatria, estomia intestinal e transição do cuidado (2017–2025).

Ano	Autores	Título	Tipo de estudo	Principais contribuições para o tema
2025	ANJOS, C. S. et al.	Vulnerabilidades individuais, sociais e programáticas vivenciadas por pessoas com estomas de eliminação: revisão de escopo	Revisão de escopo	Evidencia vulnerabilidades no cuidado à pessoa com estomia, incluindo fragilidades na continuidade e transição do cuidado.
2025	GUEDES, C. et al.	Dificuldades vivenciadas pelos familiares cuidadores de crianças com estomia intestinal	Estudo qualitativo	Aponta desafios emocionais, técnicos e sociais enfrentados por familiares no cuidado domiciliar pediátrico.
2025	FIM, R. S. B.; SILVA, S. D. S.	Desafios no cuidado com estomia em pediatria: uso da convexidade como estratégia no manejo das complicações	Estudo descritivo / congresso	Discute estratégias de manejo da estomia pediátrica e o papel da enfermagem na prevenção de complicações.
2024	GODOY MOREIRA, G. et al.	Oncologia pediátrica e suas consequências psicológicas	Revisão narrativa	Aborda impactos psicológicos do câncer infantil e a necessidade de cuidado integral e paliativo.
2024	BEZERRA, S. M. G. et al.	Vivências de mães acerca dos cuidados com estomias de eliminação em pediatria	Estudo qualitativo	Evidencia o protagonismo materno e a necessidade de suporte profissional contínuo.
2023	CARVALHO, R. G. et al.	Principais cuidados com estomia de eliminação em pediatria: uma revisão de escopo	Revisão de escopo	Sistematiza cuidados essenciais de enfermagem à criança com estomia.
2022	NERES, L. O. et al.	Desafios da equipe de enfermagem na abordagem familiar de crianças em cuidados paliativos	Revisão integrativa	Destaca desafios comunicacionais e emocionais na assistência paliativa pediátrica.

485

2022	DIAS, Q. A. et al.	Desafios da enfermagem no cuidado de pacientes terminais na UTI	Revisão integrativa	Discute limites técnicos e emocionais da enfermagem em cuidados paliativos intensivos.
2021	KUNTZ, S. R. et al.	Primeira transição do cuidado hospitalar para domiciliar da criança com câncer	Estudo qualitativo	Aborda a transição do cuidado e a importância da orientação multiprofissional.
2021	NERIS, R. R.; NASCIMENTO, L. C.	Sobrevivência ao câncer infantojuvenil: reflexões à enfermagem	Estudo reflexivo	Analisa o cuidado longitudinal e a necessidade de acompanhamento pós-tratamento.
2021	SILVA, G. F. et al.	Cuidados paliativos na criança com câncer: o papel do enfermeiro	Revisão bibliográfica	Evidencia o enfermeiro como mediador do cuidado paliativo pediátrico.
2021	RODRIGUES, B. A. et al.	Comunicação de notícias difíceis em cuidados paliativos oncológicos pediátricos	Revisão integrativa	Discute comunicação sensível e ética no cuidado paliativo infantil.
2021	BOTOSI, D. C.	O desafio do enfermeiro frente aos cuidados paliativos em pediatria	Revisão bibliográfica	Analisa desafios técnicos, emocionais e éticos da enfermagem pediátrica paliativa.
2021	COSTA, B. M.; SILVA, D. A.	Atuação da equipe de enfermagem em cuidados paliativos	Revisão narrativa	Reforça o papel da enfermagem no cuidado integral e humanizado.
2021	LUCENA, P. L. C. et al.	Fadiga por compaixão em profissionais de enfermagem	Revisão de escopo	Aponta impactos emocionais do cuidado paliativo sobre a equipe.
2021	NOGUEIRA, C. M. C. et al.	Atuação do enfermeiro nos cuidados paliativos aos pacientes com câncer	Revisão integrativa	Destaca competências clínicas e comunicacionais do enfermeiro.
2021	MOREIRA, L. G. et al.	Tratamento oncológico: desafios na comunicação da enfermagem	Revisão integrativa	Evidencia a comunicação como eixo central do cuidado paliativo.
2020	SANTO, L. F. S. E. et al.	Desafios dos enfermeiros de cuidados paliativos no cenário hospitalar	Revisão integrativa	Identifica barreiras institucionais e organizacionais.
2019	DE ANDRADE, G. B. et al.	Importância da comunicação nos cuidados paliativos	Estudo descritivo	Enfatiza comunicação com paciente, família e cuidador.
2019	DO VALE, J. M. M. et al.	Autocuidado do cuidador em cuidados paliativos oncológicos	Estudo qualitativo	Aborda o impacto do cuidado contínuo sobre cuidadores.
2017	BRANDÃO, M. C. P. et al.	Cuidados paliativos do enfermeiro ao paciente oncológico	Estudo descritivo	Fundamenta a prática paliativa da enfermagem.
2017	MANSO, M. E. G. et al.	Cuidados paliativos para o portador de câncer	Revisão narrativa	Introduz princípios gerais dos cuidados paliativos.

Fonte: Produção dos autores, 2025.

A análise do quadro sinóptico permitiu identificar um total de 25 artigos científicos incluídos nesta revisão, publicados no período de 2017 a 2025, o que evidencia a ampliação progressiva da produção científica relacionada aos cuidados paliativos, à estomia intestinal e à atuação da enfermagem no contexto pediátrico. Observou-se maior concentração de estudos no

ano de 2021, com 10 publicações, correspondendo a 43,5% do total. Em seguida, destacam-se os anos de 2025, com 3 estudos, equivalentes a 13,0%, 2024, com 2 estudos, representando 8,7%, 2022, também com 2 estudos, totalizando 8,7%, 2019, com 2 publicações, igualmente 8,7%, 2017, com 2 estudos, perfazendo 8,7%, e 2020, com 1 estudo, correspondente a 4,3%.

A distribuição temporal das publicações demonstra que, a partir de 2021, houve maior aprofundamento das discussões relacionadas às dificuldades comunicacionais, às demandas assistenciais e aos impactos psicossociais no cuidado paliativo pediátrico. Os estudos mais recentes, especialmente os publicados em 2024 e 2025, concentram-se nas vulnerabilidades associadas à estomia intestinal, nas vivências familiares e nas repercussões emocionais do adoecimento infantil, dialogando diretamente com os objetivos deste estudo, sobretudo no que se refere à identificação das demandas assistenciais relacionadas ao manejo da estomia e à descrição dos impactos psicossociais vivenciados por crianças e familiares.

No que se refere aos tipos de metodologia empregados, verificou-se predominância de estudos de revisão, totalizando 14 artigos, o que corresponde a 60,9% da amostra. Os estudos qualitativos somaram 6 publicações, representando 26,1%, enquanto os estudos descritivos totalizaram 3 artigos, equivalentes a 13,0%. Essa distribuição evidencia que a produção científica na área privilegia abordagens que possibilitam compreender fenômenos complexos, subjetivos e contextuais, como comunicação, sofrimento e adaptação familiar no cuidado paliativo pediátrico.

Quanto ao nível de evidência, constatou-se que 100% dos estudos analisados se enquadram nos níveis IV e V, característicos de revisões integrativas, revisões de escopo, estudos qualitativos e descritivos. Embora esses níveis não permitam inferências causais, mostram-se adequados para aprofundar a compreensão das experiências vivenciadas por crianças, familiares e profissionais de enfermagem, além de subsidiarem reflexões sobre práticas assistenciais e organizacionais no contexto do cuidado paliativo.

Ao correlacionar os objetivos dos artigos selecionados com o objetivo do estudo atual, observa-se consonância temática significativa. Pesquisas como as de Kuntz *et al.* (2021), Rodrigues *et al.* (2021) e Neres *et al.* (2022) contribuem diretamente para a análise das dificuldades comunicacionais no processo de transição do cuidado, ao evidenciarem fragilidades na orientação às famílias e na comunicação de notícias difíceis. Paralelamente, estudos de Carvalho *et al.* (2023), Fim e Silva (2025) e Anjos *et al.* (2025) subsidiam a identificação das demandas assistenciais relacionadas ao manejo da estomia intestinal em crianças.

No que diz respeito aos impactos psicossociais, os estudos de Godoy Moreira *et al.* (2024), Guedes *et al.* (2025) e Bezerra *et al.* (2024) evidenciam sofrimento emocional, sobrecarga familiar e insegurança no cuidado domiciliar, reforçando o objetivo de descrever os impactos psicossociais vivenciados por crianças e seus familiares. Ademais, investigações como as de Lucena *et al.* (2021), Santo *et al.* (2020) e Dias *et al.* (2022) dialogam com o objetivo de examinar estratégias de apoio ao profissional de enfermagem, ao abordarem fadiga por compaixão, desgaste emocional e barreiras institucionais.

Ao correlacionar os resultados dos artigos selecionados com o presente estudo, observa-se que a literatura aponta de forma recorrente a comunicação fragilizada, a complexidade do manejo da estomia e o sofrimento psicossocial como elementos inter-relacionados no cuidado paliativo pediátrico. Nesse sentido, o artigo atual amplia essas discussões ao integrar tais achados sob a perspectiva da transição do cuidado paliativo em crianças com estomia intestinal de eliminação, contribuindo para o fortalecimento de práticas assistenciais mais sensíveis às demandas comunicacionais, técnicas e emocionais envolvidas nesse contexto.

DISCUSSÃO

Categoría 1 – A comunicação ineficaz na transição do cuidado paliativo em crianças com estomia intestinal de eliminação 488

A comunicação no cuidado paliativo pediátrico assume relevância particular no momento da transição do cuidado, especialmente quando envolve crianças com estomia intestinal de eliminação, cujas demandas extrapolam o âmbito clínico e alcançam dimensões emocionais, sociais e familiares. Nesse contexto, a comunicação inadequada entre a equipe de enfermagem, a criança e seus familiares pode comprometer a compreensão do plano de cuidado, gerar insegurança e dificultar a continuidade da assistência no domicílio, aspecto amplamente discutido na literatura (Neres *et al.*, 2022; Kuntz *et al.*, 2021).

Entre as principais dificuldades comunicacionais identificadas, destaca-se a limitação de habilidades comunicativas específicas por parte da equipe de enfermagem para abordar temas sensíveis, como o prognóstico, o cuidado paliativo e o manejo da estomia. Essa limitação tende a se intensificar no cenário pediátrico, no qual a comunicação deve ser mediada pelos familiares e adaptada à compreensão da criança, o que pode resultar em informações fragmentadas ou pouco claras durante a transição do cuidado hospitalar para o domiciliar (Rodrigues *et al.*, 2021; Silva *et al.*, 2021).

Outro aspecto recorrente refere-se à sobrecarga de trabalho e à escassez de tempo disponível para a comunicação qualificada. A pressão assistencial vivenciada pela equipe de enfermagem interfere negativamente no diálogo com as famílias, dificultando o esclarecimento de dúvidas relacionadas ao cuidado paliativo, ao uso de dispositivos estomais e à identificação precoce de complicações. Tal cenário favorece sentimentos de medo, ansiedade e insegurança entre os cuidadores, impactando diretamente a adesão ao cuidado no domicílio (Monho *et al.*, 2021; Moreira *et al.*, 2021).

Além disso, a insuficiência de recursos institucionais e educacionais voltados à comunicação no cuidado paliativo pediátrico contribui para a fragilização desse processo. A ausência de materiais educativos específicos, protocolos claros de transição do cuidado e espaços estruturados para orientação familiar limita a atuação da enfermagem, sobretudo no que se refere às demandas assistenciais relacionadas ao manejo da estomia intestinal de eliminação (De Andrade *et al.*, 2019; Carvalho *et al.*, 2023).

No que diz respeito às estratégias de enfrentamento, a literatura aponta a necessidade de capacitação contínua da equipe de enfermagem em comunicação terapêutica, escuta qualificada e abordagem centrada na família. Essas estratégias mostram-se especialmente relevantes no cuidado paliativo pediátrico, uma vez que favorecem a construção de vínculos, a confiança mútua e o compartilhamento de decisões durante o processo de transição do cuidado (Neres *et al.*, 2022; Costa; Silva, 2021).

A organização do processo de trabalho e o fortalecimento da comunicação interprofissional contribuem para a transmissão consistente de informações e para a redução de falhas assistenciais. A atuação articulada entre enfermagem, equipe multiprofissional e familiares favorece a continuidade do cuidado paliativo, especialmente no manejo da estomia intestinal e no suporte psicossocial à criança e à família durante a transição do ambiente hospitalar para o domiciliar (Kuntz *et al.*, 2021; Bezerra *et al.*, 2024).

Destaca-se que a comunicação na transição do cuidado paliativo deve ser compreendida como um processo bidirecional, no qual os familiares são reconhecidos como participantes ativos do cuidado. Incentivar a expressão de dúvidas, medos e expectativas contribui para minimizar impactos psicossociais e fortalecer a autonomia da família no cuidado à criança com estomia intestinal de eliminação, alinhando-se aos objetivos deste estudo ao evidenciar as dificuldades comunicacionais e suas repercussões no contexto paliativo pediátrico (Guedes *et al.*, 2025; Anjos *et al.*, 2021).

Com base nos achados da literatura analisada, observou-se que a comunicação constitui um eixo transversal no cuidado paliativo pediátrico, especialmente no processo de transição do cuidado de crianças com estomia intestinal de eliminação. As estratégias comunicacionais descritas nos estudos evidenciam a necessidade de abordagens adaptadas à faixa etária, à condição clínica e ao contexto familiar, bem como à articulação entre equipe multiprofissional e cuidadores. Nesse sentido, o quadro a seguir sintetiza as principais estratégias de comunicação utilizadas no cuidado paliativo pediátrico, com ênfase na transição do cuidado do ambiente hospitalar para o domiciliar.

Quadro 2 – Estratégias de comunicação no cuidado paliativo pediátrico para a transição do cuidado em crianças com estomia intestinal de eliminação.

Estratégias de comunicação	Descrição	Contribuições para a transição do cuidado
Comunicação centrada na família	Envolve familiares como participantes ativos do cuidado, respeitando valores, crenças e necessidades	Favorece a compreensão do plano de cuidado e fortalece a segurança familiar no manejo da estomia
Escuta qualificada e empática	Atenção às falas, emoções e sinais verbais e não verbais da criança e dos cuidadores	Reduz ansiedade, promove vínculo e possibilita identificação de demandas psicossociais
Linguagem clara e adaptada	Uso de termos simples, recursos visuais e adequação à idade da criança	Facilita o entendimento sobre cuidados paliativos e manejo da estomia
Educação em saúde estruturada	Orientações sistematizadas sobre cuidados com a estomia e sinais de alerta	Contribui para continuidade do cuidado no domicílio
Comunicação interprofissional	Troca de informações entre enfermagem e equipe multiprofissional	Minimiza falhas na transição do cuidado e promove assistência integrada
Planejamento compartilhado da alta	Envolvimento da família na organização do cuidado pós-alta	Aumenta adesão ao cuidado e reduz insegurança no ambiente domiciliar
Apoio emocional contínuo	Disponibilidade da equipe para acolhimento de medos e dúvidas	Atenua impactos emocionais da transição do cuidado

490

Fonte: Produção dos autores, 2025.

Após a apresentação do quadro, observa-se que as estratégias de comunicação descritas convergem para a necessidade de uma abordagem que ultrapasse a transmissão de informações técnicas, incorporando dimensões emocionais, educativas e relacionais no cuidado paliativo pediátrico. A literatura destaca que a comunicação centrada na família e a escuta empática contribuem para a redução de sentimentos de medo e insegurança, frequentemente vivenciados durante a transição do cuidado, especialmente quando a criança apresenta uma estomia intestinal de eliminação.

Além disso, a sistematização das orientações e o fortalecimento da comunicação interprofissional mostram-se relevantes para assegurar a continuidade do cuidado e minimizar fragilidades assistenciais no domicílio. Ao correlacionar essas estratégias com os objetivos do

presente estudo, evidencia-se que a adoção de práticas comunicacionais estruturadas pode mitigar dificuldades no processo de transição, atender às demandas assistenciais relacionadas ao manejo da estomia e reduzir impactos psicossociais vivenciados por crianças e familiares, reforçando o protagonismo da enfermagem no cuidado paliativo pediátrico.

Quadro 3 – Demandas assistenciais e psicossociais no manejo da estomia intestinal de eliminação na transição do cuidado paliativo pediátrico

Dimensão	Demandas identificadas	Repercussões na transição do cuidado
Manejo técnico da estomia	Troca adequada do dispositivo, prevenção de lesões periestomais, reconhecimento de complicações	Insegurança familiar no cuidado domiciliar e risco de intercorrências após a alta
Educação em saúde	Orientações contínuas e adaptadas à realidade da família	Dificuldades na continuidade do cuidado e aumento da dependência dos serviços de saúde
Apoio emocional à criança	Acolhimento do medo, dor, alterações da imagem corporal e desconfortos	Sofrimento emocional, retraimento social e dificuldade de adaptação
Apoio psicossocial à família	Suporte frente à sobrecarga, ansiedade e mudanças na rotina familiar	Estresse do cuidador e fragilização do vínculo com a equipe de saúde
Comunicação na transição do cuidado	Clareza sobre o plano terapêutico e cuidados paliativos	Falhas na continuidade do cuidado e insegurança no domicílio
Articulação da rede de atenção	Encaminhamentos e seguimento na atenção básica e especializada	Descontinuidade assistencial e dificuldades de acesso aos serviços
Supporte ao profissional de enfermagem	Capacitação, apoio institucional e espaços de escuta	Sobrecarga emocional e desgaste profissional no cuidado paliativo

Fonte: Produção dos autores, 2025.

491

A análise do Quadro 3 evidencia que as demandas assistenciais relacionadas ao manejo da estomia intestinal de eliminação extrapolam o cuidado técnico, especialmente no contexto da transição do cuidado paliativo pediátrico. Observa-se que a troca adequada do dispositivo, a prevenção de complicações periestomais e o reconhecimento precoce de intercorrências constituem desafios recorrentes para crianças e familiares, sobretudo no período pós-alta. Nesse sentido, a insegurança no cuidado domiciliar surge como uma repercussão frequente, reforçando a necessidade de acompanhamento contínuo e orientação sistematizada pela equipe de enfermagem, em consonância ao supracitado sobre a importância da continuidade assistencial no cuidado paliativo (Neres *et al.*, 2022).

No que se refere à educação em saúde e à comunicação no processo de transição, o quadro demonstra que a ausência de orientações claras e adaptadas à realidade familiar compromete a autonomia dos cuidadores e dificulta a manutenção do cuidado no domicílio. Vale destacar que falhas comunicacionais durante esse período tendem a intensificar sentimentos de medo, ansiedade e despreparo, tanto na criança quanto em seus familiares. Corroborando ao contexto, estudos apontam que estratégias educativas contínuas e uma comunicação empática favorecem

a adesão ao cuidado, minimizam riscos e fortalecem o vínculo entre família e equipe de enfermagem (Rodrigues; Moreira, 2021; Monho *et al.*, 2021).

Os impactos psicossociais vivenciados pelas crianças com estomia intestinal e por seus familiares configuram-se como elementos centrais no cuidado paliativo, conforme descrito no Quadro 3. Alterações na imagem corporal, sofrimento emocional, retraimento social e sobrecarga do cuidador familiar são repercussões frequentemente relatadas, por sua vez exigindo da enfermagem uma abordagem sensível e integral. Cabe mencionar que o suporte emocional e psicossocial, aliado à escuta qualificada, contribui para a adaptação da criança à nova condição de saúde e para o fortalecimento da rede de apoio familiar (De Andrade *et al.*, 2019; Moreira *et al.*, 2021).

O quadro evidencia que as demandas não se restringem apenas à criança e à família, mas também ao profissional de enfermagem, que enfrenta sobrecarga emocional e necessidade de capacitação contínua para atuar nesse cenário complexo. Nesse sentido, a articulação da rede de atenção e o apoio institucional ao profissional mostram-se determinantes para uma transição do cuidado paliativo mais segura e humanizada. Diante disso, compreender essas múltiplas demandas possibilita alinhar as estratégias assistenciais aos objetivos do presente estudo, ao analisar as dificuldades comunicacionais, identificar necessidades relacionadas ao manejo da estomia, descrever impactos psicossociais e examinar estratégias de apoio à enfermagem no cuidado paliativo pediátrico (Santos; Lima, 2022). 492

Categoria 2 – Demandas assistenciais da enfermagem no manejo da estomia intestinal de eliminação na transição do cuidado paliativo pediátrico

O manejo da estomia intestinal de eliminação em crianças em cuidados paliativos representa um desafio complexo para a enfermagem, especialmente durante a transição do cuidado do ambiente hospitalar para o domiciliar ou outros pontos da rede de atenção. Esse processo exige não apenas domínio técnico, mas também sensibilidade para lidar com as especificidades do cuidado paliativo pediátrico, marcado pela vulnerabilidade clínica da criança, pela dependência do cuidador e pela necessidade de continuidade assistencial. Estudos evidenciam que falhas nesse manejo durante a transição do cuidado podem resultar em complicações periestomais, reinternações evitáveis e sofrimento adicional para a criança e sua família (Carvalho *et al.*, 2023; Anjos *et al.*, 2025).

Entre as principais demandas assistenciais identificadas, destaca-se a necessidade de orientação sistematizada aos familiares quanto à troca do dispositivo coletor, higienização adequada da pele periestomal e identificação precoce de sinais de complicações, como dermatites, vazamentos e lesões cutâneas. No contexto paliativo, essas demandas tornam-se ainda mais sensíveis, uma vez que o foco do cuidado está centrado no conforto, na qualidade de vida e na redução do sofrimento, exigindo da enfermagem uma abordagem individualizada e contínua no processo de transição (Bezerra *et al.*, 2024; Fim; Silva, 2025).

Outro aspecto relevante refere-se à insegurança dos cuidadores frente ao cuidado domiciliar com a estomia intestinal, especialmente após a alta hospitalar. A literatura aponta que a ausência de acompanhamento longitudinal e de estratégias educativas progressivas compromete a autonomia familiar e aumenta o risco de manejo inadequado da estomia. Nesse cenário, a enfermagem assume papel central como mediadora do cuidado, sendo responsável por promover educação em saúde, fortalecer o vínculo com a família e garantir que as orientações sejam compatíveis com o nível de compreensão e as condições sociais do cuidador (Guedes *et al.*, 2025; Kuntz *et al.*, 2021).

Além da comunicação efetiva com os pacientes e suas famílias, o autocuidado do enfermeiro é crucial no cuidado paliativo. A enfermagem trabalha em um ambiente estressante e emocionalmente desafiador, e muitas vezes negligencia seu próprio bem-estar físico e mental. Isso pode levar a uma redução da qualidade do cuidado oferecido e a uma maior chance de burnout e outros problemas de saúde mental (Do Vale *et al.*, 2019).

A saúde mental e física dos enfermeiros é fundamental para garantir a qualidade dos cuidados prestados aos pacientes em cuidados paliativos. A equipe de enfermagem precisa estar saudável e equilibrada emocionalmente para lidar com situações desafiadoras e ajudar os pacientes e seus familiares a lidar com a doença terminal (Silva; Souza, 2021).

Vale ressaltar que a falta de autocuidado na equipe de enfermagem pode ter impactos negativos não apenas na vida pessoal dos enfermeiros, mas também na qualidade do cuidado prestado aos pacientes. A fadiga, o estresse e a falta de motivação podem levar a erros de medicação, falta de atenção aos sintomas do paciente e uma menor qualidade geral dos cuidados prestados (Lucena *et al.*, 2021).

Um dos principais problemas enfrentados pela enfermagem no autocuidado nos cuidados paliativos é a falta de tempo e recursos. Eles podem estar tão ocupados fornecendo cuidados aos pacientes que não têm tempo suficiente para cuidar de si mesmos. Além disso, a

falta de recursos, como acesso a programas de bem-estar e saúde mental, pode tornar difícil para a enfermagem cuidar de sua própria saúde (Botossi, 2021).

Outro problema é a falta de treinamento em habilidades de autocuidado. A enfermagem pode não estar ciente das melhores práticas para manter sua própria saúde física e mental. Eles podem não ter as habilidades necessárias para gerenciar o estresse e o trauma associados ao cuidado paliativo. Para solucionar esses problemas, é importante que a enfermagem tenha acesso a recursos de autocuidado e bem-estar, incluindo serviços de aconselhamento, programas de saúde mental e apoio de colegas e supervisores. Isso pode ajudá-los a gerenciar o estresse e o trauma associados ao cuidado paliativo (Do Vale *et al.*, 2019).

Além disso, a enfermagem deve ser incentivada a investir tempo e energia em seu próprio autocuidado, mesmo que isso signifique reduzir a carga de trabalho ou delegar tarefas a outros membros da equipe. Isso pode incluir a prática de atividades físicas e de relaxamento, como ioga ou meditação, bem como a busca de hobbies e atividades de lazer (Silva; Souza, 2021).

Outra solução é criar um ambiente de trabalho que promova o autocuidado. Isso pode incluir a criação de políticas e diretrizes que incentivem a enfermagem a cuidar de sua própria saúde e o reconhecimento do autocuidado como uma parte essencial do cuidado paliativo. Também pode incluir a promoção de uma cultura de apoio e solidariedade entre a equipe de enfermagem (Botossi, 2021). 494

Por fim, é importante lembrar que o autocuidado não é apenas uma responsabilidade da enfermagem individualmente, mas também da organização de cuidados de saúde como um todo. Os empregadores devem garantir que a enfermagem tenha acesso a recursos de autocuidado e bem-estar, bem como um ambiente de trabalho saudável e apoiador. Isso pode ajudar a garantir que a enfermagem possa fornecer o melhor cuidado possível aos pacientes e suas famílias nos cuidados paliativos (Lucena *et al.*, 2021).

Antes da apresentação dos quadros, ressalta-se que ambos buscam aprofundar a compreensão sobre os desafios enfrentados pela enfermagem na transição do cuidado paliativo em crianças com estomia intestinal de eliminação. O Quadro 4 direciona-se aos impactos psicossociais vivenciados pela criança e pela família, enquanto o Quadro 5 sistematiza estratégias de apoio ao profissional de enfermagem, evidenciadas na literatura, frente às complexidades desse cenário assistencial.

Quadro 4 – Impactos psicossociais vivenciados por crianças com estomia intestinal de eliminação e seus familiares no contexto do cuidado paliativo

Impactos identificados	Repercussões para a criança	Repercussões para a família	Implicações para a enfermagem
Alterações na imagem corporal	Sentimentos de estranhamento, insegurança e retraimento social	Dificuldade em lidar com a aceitação da estomia	Necessidade de escuta sensível e abordagem individualizada
Sofrimento emocional	Medo, ansiedade e tristeza associados à doença e à estomia	Angústia, culpa e sofrimento diante do cuidado contínuo	Oferta de apoio emocional e orientação contínua
Limitações sociais	Redução da interação com pares e atividades cotidianas	Isolamento social e reorganização da rotina familiar	Mediação de estratégias para inclusão e adaptação
Dependência do cuidador	Maior vulnerabilidade emocional	Sobrecarga física e emocional do cuidador	Fortalecimento da autonomia familiar no cuidado

Fonte: Produção dos autores, 2025.

A análise do Quadro 4 evidencia que os impactos psicossociais relacionados à estomia intestinal de eliminação são intensificados no contexto dos cuidados paliativos pediátricos, afetando de forma significativa tanto a criança quanto sua família. Observa-se que alterações na imagem corporal e limitações sociais interferem diretamente no bem-estar emocional da criança, exigindo da enfermagem uma atuação que vá além do cuidado técnico, contemplando aspectos subjetivos e relacionais do processo de adoecimento (Godoy Moreira *et al.*, 2024; Bezerra *et al.*, 2024).

Ademais, a sobrecarga emocional vivenciada pelos familiares, especialmente pelos cuidadores principais, repercute na qualidade do cuidado domiciliar durante a transição. Nesse sentido, a enfermagem assume papel estratégico ao promover acolhimento, orientação contínua e fortalecimento da rede de apoio, contribuindo para minimizar o sofrimento psicossocial e favorecer uma adaptação progressiva à condição da criança, em consonância ao supracitado na literatura sobre cuidados paliativos pediátricos (Guedes *et al.*, 2025; Do Vale *et al.*, 2019).

Antes da apresentação do Quadro 5, destaca-se que ele reúne estratégias apontadas na literatura para apoio ao profissional de enfermagem que atua na transição do cuidado paliativo em crianças com estomia intestinal de eliminação. O quadro busca evidenciar ações que auxiliem na qualificação do cuidado, na redução da sobrecarga emocional e no fortalecimento das competências profissionais frente às demandas complexas desse contexto.

Quadro 5 – Estratégias de apoio ao profissional de enfermagem na transição do cuidado paliativo pediátrico com estomia intestinal de eliminação

Estratégias identificadas	Descrição	Contribuições para a prática
Capacitação permanente	Treinamentos em cuidados paliativos, pediatria e estomaterapia	Ampliação da segurança técnica e comunicacional
Suporte emocional institucional	Espaços de escuta e apoio psicológico à equipe	Redução do desgaste emocional e da fadiga por compaixão
Trabalho interdisciplinar	Atuação integrada com equipe multiprofissional	Compartilhamento de responsabilidades e saberes
Protocolos assistenciais	Padronização de condutas na transição do cuidado	Maior continuidade e organização do cuidado
Articulação da rede de atenção	Integração entre hospital, atenção primária e domicílio	Fortalecimento da continuidade assistencial

Fonte: Produção dos autores, 2025.

A partir do Quadro 5, observa-se que o apoio ao profissional de enfermagem configura-se como elemento indispensável para a efetividade da transição do cuidado paliativo pediátrico. A literatura aponta que a capacitação contínua e o suporte institucional favorecem o enfrentamento das demandas emocionais e técnicas inerentes ao cuidado de crianças com estomia intestinal, contribuindo para uma prática mais segura e reflexiva (Lucena *et al.*, 2021; Nogueira *et al.*, 2021).

Por sua vez, a articulação da rede de atenção e o trabalho interdisciplinar fortalecem a continuidade do cuidado e reduzem a fragmentação assistencial durante a transição. Essas estratégias dialogam diretamente com os objetivos do presente estudo, ao examinar formas de apoio à enfermagem e ao evidenciar que a qualificação do cuidado paliativo pediátrico depende tanto da organização dos serviços quanto do investimento no cuidado ao cuidador profissional, conforme apontado por estudos recentes na área (Santo *et al.*, 2020; Neres *et al.*, 2022).

CONCLUSÃO

O cuidado paliativo pediátrico no contexto da transição assistencial de crianças com estomia intestinal de eliminação evidencia-se como um processo complexo, que ultrapassa a dimensão clínica e envolve aspectos comunicacionais, emocionais e sociais. A enfermagem atua de maneira contínua nesse percurso, acompanhando a criança e a família desde o ambiente hospitalar até o domicílio, enfrentando desafios relacionados à comunicação sensível, ao manejo técnico da estomia e à mediação das incertezas que permeiam o cuidado paliativo. Diante disso, a literatura analisada demonstra que fragilidades nesse processo podem comprometer a continuidade do cuidado e intensificar o sofrimento vivenciado por crianças e familiares.

Nesse sentido, os achados deste estudo indicam que os desafios da enfermagem na transição do cuidado paliativo pediátrico estão diretamente associados às dificuldades comunicacionais, às demandas assistenciais específicas da estomia intestinal e aos impactos psicossociais decorrentes da condição crônica e progressiva. Ademais, observa-se que a ausência de suporte institucional, de capacitação permanente e de articulação entre os níveis de atenção repercute tanto na qualidade do cuidado ofertado quanto na sobrecarga emocional dos profissionais. A adoção de estratégias integradas, baseadas na comunicação qualificada, na educação em saúde e no acompanhamento longitudinal, mostra-se alinhada às necessidades evidenciadas nos estudos revisados.

Por fim, torna-se necessário que os serviços de saúde incorporem práticas que valorizem a enfermagem e promovam condições adequadas para o exercício do cuidado paliativo pediátrico na transição assistencial. Investir em apoio emocional, organização do processo de trabalho e fortalecimento da rede de atenção contribui para um cuidado mais humanizado, contínuo e centrado na criança e em sua família. Assim, a consolidação dessas estratégias pode reduzir vulnerabilidades, qualificar a assistência e favorecer uma transição do cuidado mais segura e acolhedora no contexto da estomia intestinal de eliminação.

497

REFERENCIAS

ANDRADE, G. B.; [demais autores conforme publicação]. Cuidados paliativos e a importância da comunicação entre o enfermeiro, paciente, familiar e cuidador. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental*, Rio Grande do Sul, v. II, n. 2, p. 1-7, 2019. Disponível em: <http://ciberindex.com/index.php/ps/article/view/P113713>. Acesso em: 12 abr. 2023.

ANJOS, C. S.; MELO, J. L. L.; BASTOS, M. C. S.; BERNARDO, T. H. L.; SANTOS, A. A. P.; DIAS, R. B. F.; SILVA, A. F. Vulnerabilidades individuais, sociais e programáticas vivenciadas por pessoas com estomas de eliminação: revisão de escopo. *Cogitare Enfermagem*, v. 30, e100172pt, 2025.

ANJOS, C.; SILVA, R. M. C. R. A.; PEREIRA, E. R.; SAMPAIO, C. E. P.; SILVA, M. A.; CARNEIRO, E. C. D. S. P. Familiares vivenciando cuidados paliativos de crianças com câncer hospitalizadas: revisão integrativa. *Revista Enfermagem UERJ*, v. 29, e51932, 2021.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEZERRA, S. M. G.; CARVALHO, R. G.; FIGUEIREDO, I. H. D. S.; SOUSA, F. V. V.; NASCIMENTO, Y. D. O.; SANTOS, J. S.; NOGUEIRA, L. T. Vivências de mães acerca dos cuidados com estomias de eliminação em pediatria. In: *Congresso Paulista de Estomaterapia*, 2024.

BOTOSSI, D. C. O desafio do enfermeiro frente aos cuidados paliativos em pediatria. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 5, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/30944>. Acesso em: 12 abr. 2023.

BRANDÃO, M. C. P.; [demais autores conforme publicação]. Cuidados paliativos do enfermeiro ao paciente oncológico. *Revista Brasileira de Saúde Funcional*, Bahia, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2017. Disponível em: <https://adventista.emnuvens.com.br/RBSF/article/view/879/743>. Acesso em: 12 abr. 2023.

CARVALHO, R. G.; FIGUEIREDO, I. H. D. S.; SOUSA, F. V. V.; NASCIMENTO, Y. D. O.; BEZERRA, S. M. G. Principais cuidados com estomia de eliminação em pediatria: revisão de escopo. In: *Congresso Brasileiro de Estomaterapia*, 2023.

COSTA, B. M.; SILVA, D. A. Atuação da equipe de enfermagem em cuidados paliativos. *Research, Society and Development*, Brasil, v. 10, n. 5, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12553/11267>. Acesso em: 12 abr. 2023.

DIAS, Q. A.; [demais autores conforme publicação]. Desafios da enfermagem no cuidado de pacientes terminais na unidade de terapia intensiva: revisão integrativa. *Scientia Generalis*, Bahia, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022. Disponível em: <http://www.scientiageneralis.com.br/index.php/SG/article/view/384/311>. Acesso em: 12 abr. 2023.

FIM, R. S. B.; SILVA, S. D. S. Desafios no cuidado com estomia em pediatria: uso da convexidade como estratégia no manejo das complicações. In: *Congresso Brasileiro de Estomaterapia*, 2025. 498

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2018.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GODOY MOREIRA, G.; HAUS, T.; RODRIGUES, R. S.; SILVA, V. M.; SOUZA, J. C.; LIRA, I. C. S.; FERREIRA, M. E. D. Oncologia pediátrica e suas consequências psicológicas. *Periódicos Brasil – Pesquisa Científica*, v. 3, n. 2, p. 1812-1827, 2024.

GUEDES, C.; MORAIS, J. R. M. M.; BRITO, W. R.; SANTOS, L. C. A.; SANTOS, L.; CORREIA, D. M.; ESPÍRITO SANTO, F. H. Dificuldades vivenciadas pelos familiares cuidadores de crianças com estomia intestinal. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, v. 99, n. 3, e025120, 2025.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. *Cuidados paliativos: diretrizes, conceitos e práticas*. Rio de Janeiro: INCA, 2024.

KUNTZ, S. R.; GERHARDT, L. M.; FERREIRA, A. M.; SANTOS, M. T. D.; LUDWIG, M. C. F.; WEGNER, W. Primeira transição do cuidado hospitalar para domiciliar da criança com câncer: orientações da equipe multiprofissional. *Escola Anna Nery*, v. 25, n. 2, e20200239, 2021.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LUCENA, P. L. C.; [demais autores conforme publicação]. Fadiga por compaixão em profissionais de enfermagem no contexto dos cuidados paliativos: revisão de escopo. *Revista Mineira de Enfermagem*, Paraíba, v. 25, e-1357, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reme/article/view/44505>. Acesso em: 12 abr. 2023.

MANSO, M. E. G.; [demais autores conforme publicação]. Cuidados paliativos para o portador de câncer. *Revista Portal Divulgação*, São Paulo, v. 1, n. 6, p. 1-6, 2017. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/viewFile/668/736>. Acesso em: 12 abr. 2023.

MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2010.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec; Abrasco, 2007.

MONHO, B. M. F.; [demais autores conforme publicação]. A comunicação na promoção da dignidade em cuidados paliativos: desafios para a enfermagem. *Revista Baiana de Enfermagem*, Lisboa, v. 35, e-34788, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/34788/23490>. Acesso em: 12 abr. 2023.

MOREIRA, L. G.; [demais autores conforme publicação]. Tratamento oncológico: desafios e perspectivas na comunicação da enfermagem: revisão integrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, Minas Gerais, v. 13, n. 5, p. 1-II, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/9269/5730>. Acesso em: 12 abr. 2023.

NERES, Lidiane Oliveira; [demais autores conforme publicação]. Desafios da equipe de enfermagem na abordagem familiar de crianças em cuidados paliativos. *Brazilian Journal of Development*, Minas Gerais, v. 8, n. 1, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/45430>. Acesso em: 12 abr. 2023.

NERIS, R. R.; NASCIMENTO, L. C. Sobrevivência ao câncer infantojuvenil: reflexões emergentes à enfermagem em oncologia pediátrica. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 55, e03761, 2021.

NOGUEIRA, C. M. C.; [demais autores conforme publicação]. Atuação do enfermeiro nos cuidados paliativos aos pacientes com câncer. *Research, Society and Development*, Brasil, v. 10, n. 4, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/24317/21243>. Acesso em: 12 abr. 2023.

RODRIGUES, B. A.; [demais autores conforme publicação]. A comunicação de notícias difíceis pelos enfermeiros nos cuidados paliativos oncológicos pediátricos: revisão integrativa. *Research, Society and Development*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 6, p. 1-II, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18788/16879>. Acesso em: 12 abr. 2023.

SANTO, L. F. S. E.; [demais autores conforme publicação]. Os desafios dos enfermeiros de cuidados paliativos no cenário hospitalar brasileiro: revisão integrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/1283/1999>. Acesso em: 12 abr. 2023.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, F. L.; SOUZA, H. P. D. J. Desafios e potencialidades da enfermagem frente ao paciente oncológico paliativo: revisão bibliográfica. *Revista Multidisciplinar em Saúde*, v. 2, n. 3, 2021. Disponível em: <https://editoraime.com.br/revistas/index.php/rems/article/view/2611>. Acesso em: 12 abr. 2023.

SILVA, G. F.; ASSIS, M. T. B.; PINTO, N. B. F. Cuidados paliativos na criança com câncer: o papel do enfermeiro na assistência do cuidar. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 5, p. 53524-53540, 2021.

VALE, J. M. M.; [demais autores conforme publicação]. Autocuidado do cuidador de adoecidos em cuidados paliativos oncológicos domiciliares. *Revista de Enfermagem UFPE On Line*, Pará, v. 13, n. 1, p. 1-11, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/235923/32473>. Acesso em: 12 abr. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Palliative care*. Geneva: WHO, 2024.